

ABC

MAC

Seis pesquisadores da arte visual

Alberto Aliberti

Heinz Kühn

Hermelindo Fiaminghi

Kazmer Fejer

Lothar Charoux

Sylvia Mara Gueller

Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de S. Paulo

15 de abril a 15 de maio

S. Paulo — Brasil, 1966

Uma arte sem precisa definição terminológica embora qualificada variavelmente pelo jargão crítico e jornalístico como «Op», visual, cinética, retinal etc., é objeto desta exposição do Museu de Arte Contemporânea. Bem entendido, não se trata da visualização tradicional do olho diante de fatores externos estimulantes mas de uma visualidade como percepção autônoma de fenômenos de forma e cor em função de movimentos óticos vibratórios.

Os artistas que seguem esta orientação proliferaram a partir do fim da década de '50 e normalmente possuem raízes construtivistas. Na Europa, onde surgiram numerosos grupos, o principal instigador foi sem dúvida Vasarely. A contribuição dos Estados Unidos onde um egrêso do Bauhaus, Albers, foi importante emulador, tornou-se decisiva com a revelação de valores que afirmaram uma imagística interpretativa de sua cultura pragmática. No Brasil, e particularmente em S. Paulo, há pesquisadores que vêm trabalhando com serenidade alcançando resultados de uma afirmação constante. Nossa idéia era apresentar um número mais largo de participantes o que não pôde realizar-

se por diversas razões independentes de nossa vontade. Foram finalmente selecionadas obras de seis artistas (Fejer, Charoux, Fiaminghi, Kühn, Aliberti e Sylvia Mara Gueller) que projetaram e executaram suas obras especialmente para esta manifestação. Três deles, Fejer, Charoux e Fiaminghi foram membros ativos do movimento concretista brasileiro e expõem frequentemente na Galeria «Novas Tendências». Kühn desenvolvera sua experiência anterior como pintor abstracionista. Aliberti e Sylvia são os mais jovens: aquele é muito ligado aos primeiros e esta última emerge de uma experiência recente e isolada.

Fejer tornou-se um de nossos representantes de mais profunda autenticidade nesse meio expressivo. A seu prejuízo, entretanto, numa época em que o fator numérico influi consideravelmente na chamada promoção do artista, a obra que produziu é das mais raras. Os quatro objetos em poliéster sobre acrílico aqui reunidos são definições de estruturas móveis em processo de desintegração formadas de pequenos cubos articulados em superposição precária, quasi como um jogo de paciência. A valorização tridimensio-

nal é procurada pela interpenetração de planos em ângulos diversos ou melhor, pela ruptura de um dêles sob o impacto de outro. O contrôle do desmantelamento é sensível. A luz ao esbater-se na matéria colorida transparente provoca cintilações dinamizando ainda mais o objeto de imaginar-se na escala monumental.

Charoux é um artista previsível. Sua evolução não sofre de sobressaltos. Da estabilidade resultante formou-se uma linguagem linear de sensibilidade pessoal, despojada e exigente, rigorosamente artesanal num momento de crescente recorrência a meios mecanizados. Sua investigação pode ser aproximada à de vários artistas no estrangeiro — Stella, Yvaral, Goodyear, Mieczkowski etc. — mas o vienense paulista é indiferente a recursos técnicos e expressivos mais complexos. Do desenho exclusivamente deve despontar sua argumentação, como podemos ver nestes quadros de séries de linhas luminosas de variável densidade e intervaladas na superfície sombria de sorte a provocar movimentos discretos de refração de luz e fazer da obscuridade um elemento fortemente participativo.

Fiaminghi aparece com as soluções mais desenvolvidas no sentido de aliar meios tecnológicos à expressão. A seu propósito é que talvez mais precisamente possamos falar de pesquisas cinéticas, como o demonstra parte dos trabalhos exibidos a que intitula «fusão e difusão da côr por incidência de luz». Alguns mais recentes demandam a participação do espetador para desenvolver suas concomitâncias cromáticas. A vivência do artista com os problemas da gráfica moderna enriquecida de equipamentos eletrônicos influenciou bastante seus processos experimentais na busca de interação das côres fornecidas pelos efeitos controlados da superposição de filmes reticulados, gravados em litografias e impressos pelo processo «offset-tief». As contrações e expansões de luz produzem os efeitos combinatórios mais inesperados, de uma beleza emotiva intermitente.

Heinz Kühn sem dúvida soube evoluir rapidamente nas suas experiências com o styropor, material frágil e maleável que o ajudou a encontrar meios de caracterizar uma linguagem no domínio ainda de amplas possibilidades do relêvo. As

superfícies escavadas, a articulação de planos simétricos ou irregulares abertos por um temperamento expressionista proporcionam espaços da mais diversa transparência, animados pela efusão da luz nos campos de cor primária que o artista estende com desenvoltura sobre a brancura do material poroso. Particularmente em trabalhos deste gênero transcendemos os limites da pintura e da escultura e vemos a intuição aliar-se a uma matéria e a uma técnica novas para fornecer outros recursos expressivos à sensibilidade visual.

Aliberti e Sylvia Mara Gueller são os mais jovens dos expositores: o primeiro em objetos de construções rígidas demonstrava há certo tempo um claro interesse pelo dinamismo sígnico. Entre suas peças atuais de elementos pré-fabricados, a telha de cimento de amianto é um material que se presta à prospecção de ritmos planificados. De outros seus trabalhos em andamento podemos esperar resultados de nível na solução de «continuidades estruturais». Sylvia apareceu na «II Exposição do Jovem Desenho Nacional» organizada pelo Museu de Arte Contem-

porânea em 1965 com bom índice de maturidade no seu grafismo de sugestibilidade vibratória. O preparo teórico e psicológico da artista assegurou-lhe uma progressão decidida nos meios de dominar o desenho e o espaço. Os resultados recentes demonstram decisão nos seus objetivos de eurtmia ao desencadear com franqueza ótica temas dedálicos onde o movimento se distribui às formas, cores, desenho e composição.

O interesse destas articulações visuais não nos parece fruto de aderências circunstanciais a formulações momentâneas e sim empreendimentos intuicionais capazes de assegurar uma expressão vital ao longe de razões programáticas estritas.

Walter Zanini

Diretor do Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de S. Paulo.

ALBERTO ALIBERTI



Alberto Aliberti nasceu em S. Paulo em 1935, onde reside. Estudou técnica de pintura e escultura com Joel M. Link (1960) e Kazmer Fejer (1962) tornando-se depois autodidata. Pertence à «Association Internationale des Arts Plastiques» (UNESCO) e à ACASC, «Associação Cultural e Artística de S. Caetano do Sul». É membro co-fundador e presidente-executivo da Associação de Artes Visuais «Novas Tendências», desde 1963.

Exposições:

12.o e 13.o Salões Paulistas de Arte Moderna, 3.a Exposição de Arte Contemporânea de S. Caetano do Sul (1963), 1.o e 2.o Salões de Arte Moderna de S. Caetano do Sul (1964-5). Participou da exposição inaugural da Galeria «Novas Tendências» (1964-5). Participou da exposição inaugural da Galeria «Novas Tendências» (1963) e da exposição coletiva III da mesma galeria (1964).

Prêmio:

Medalha de bronze no 12.a Salão Paulista de Arte Moderna.

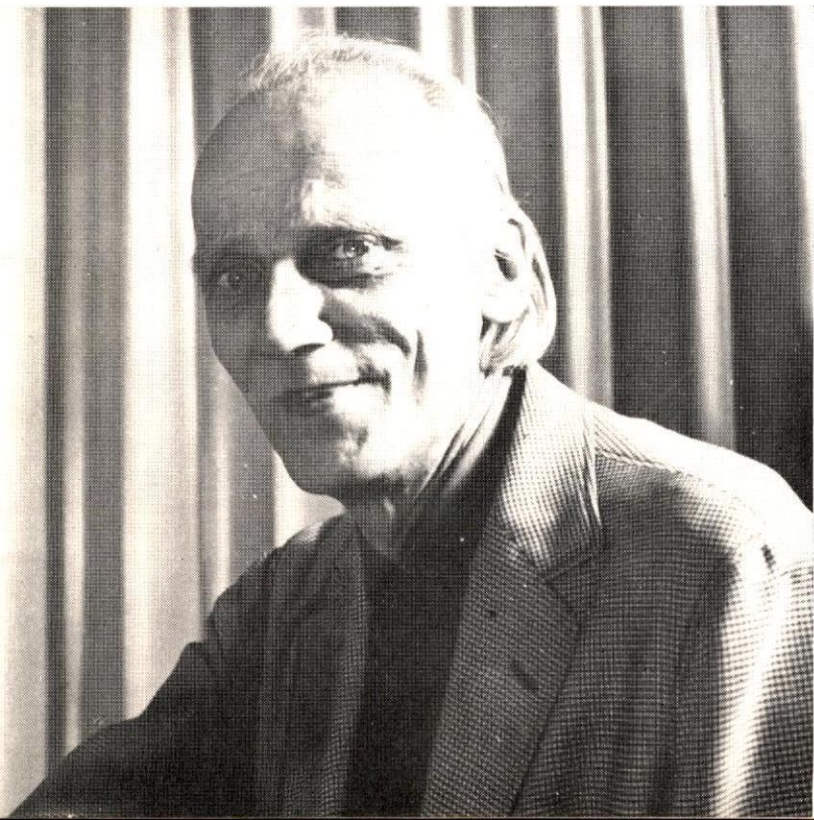
Obras em coleções particulares.

Relação das Obras

- 1-1966 — Óleo s/cimento amianto — 45 x 96
- 2-1966 — Óleo e Fita Plástica s/cimento amianto — 93 x 37
- 3-1966 — Óleo s/cimento amianto — 93 x 30
- 4-1966 — Óleo s/cimento amianto — 70 x 40 fun. 40
- 5-1966 — Óleo s/cimento amianto — 143 x 93
- 6-1966 — Óleo s/cimento amianto aço inox. — alumínio — 93 x 65
- 7-1966 — aço Inox. — Latão e madeira — 100x45



HEINZ KÜHN



Os meus trabalhos de hoje são o resultado do meu caminho na criação ótica.

A composição não é mais no quadro, ao contrário, fora, no observador: é portanto necessário achar-se uma construção, que seja suficiente para esta suposição.

O quadro (o objeto) é sempre estático, enquanto o observador logicamente sempre tem um ponto de vista diferente. Num quadro com um plano só muda o ponto de sua observação e não há a alteração das cores e das formas e por isto é necessário que se parta de mais planos. Resulta portanto um quadro (objeto) com vários planos.

Uma superfície sinuosa já é um resultado de vários planos. Por exemplo a côr amarela nessa superfície sinuosa mostra uma escala completa do claro ao escuro. A forma também muda.

Numa superfície rompida por uma forma não se mostra somente esta forma mas sim as suas transformações possíveis. Adicionando-se com luz e sombra, cuja incidência varia com a espessura do plano e com a direção do corte.

Pela maneira de se usar a côr, no lado do observador ou no lado contrário, obtém-se um reflexo de côr num certo ângulo do corte, pela incidência da luz, e a êle.

Por conseguinte, côr, forma, espessura do plano no lado do quadro (objeto) mais a luz e a posição do observador resulta não apenas uma impressão, porém, várias Êstes são trabalhos com realidades por isso eu os chamo de construções ou ciências visuais.

Heinz Kühn nasceu em Berlim em 1908, onde estudou. Fixou-se no Brasil em 1950, residindo em S. Paulo.

Exposições individuais:

Biblioteca Municipal de S. Paulo, Museu de Arte Moderna de S. Paulo, Galeria de Arte das «Folhas», Casa do Artista Plástico, Galeria Solarium, Galeria «Novas Tendências», Galeria Aremar (Campinas), I.A.B. (Departamento de S. Paulo), OCA (Rio de Janeiro), em 1965.

HEINZ KÜHN

Exposições coletivas:

Galeria Novas Tendências, IAB (Departamento de S. Paulo), 2.a 3.a e 8.as Bienais de S. Paulo, Salão Paulista de Arte Moderna, organizou e participou das 1.a e 2.a exposições de arte contemporânea da Prefeitura de Teresópolis, Exposição «Pró Arte em Rio Bonito» (Santo Amaro), 18.o Salão Municipal de Belo Horizonte.

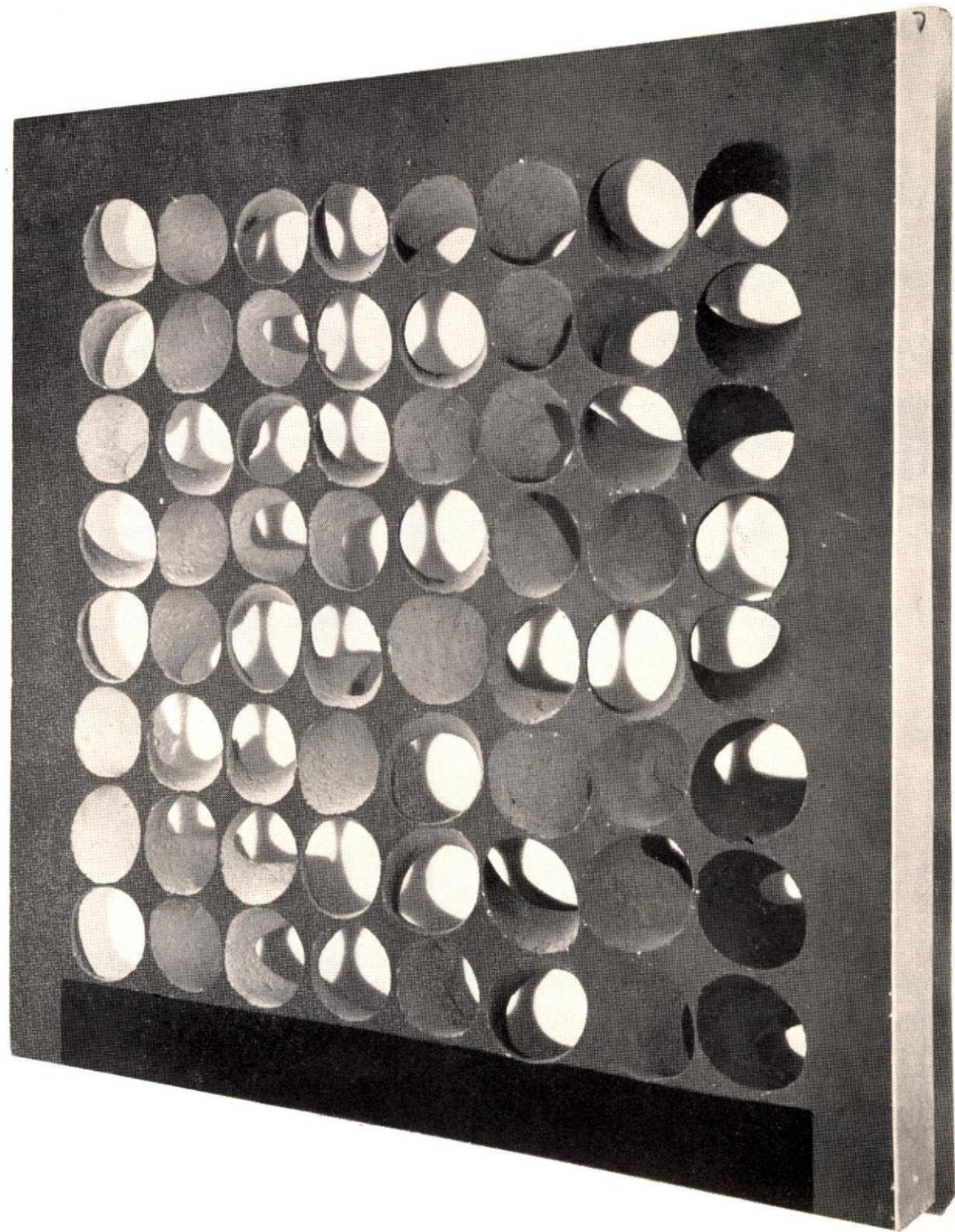
Premios:

Prêmios no 2.o, 9.o, 10.o e 14.o salões paulistas de arte moderna, onde obteve a grande medalha de prata, o prêmio-aquisição «Governador do Estado» e a pequena medalha de ouro. Prêmio de viagem a Brasília no 1.o Concurso Nacional de Jóias.

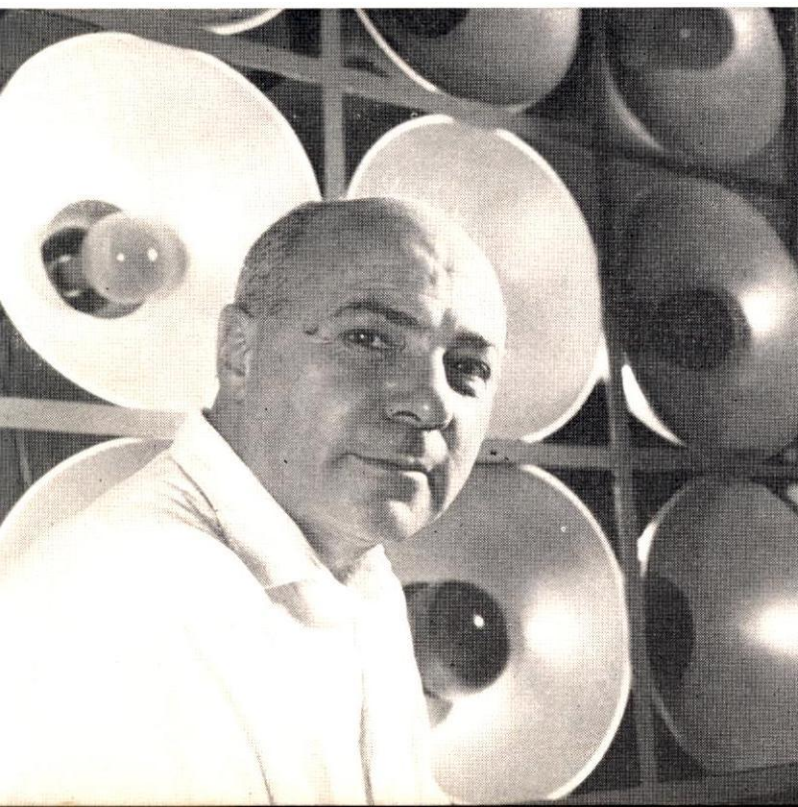
Obras em coleções particulares.

Relação das Obras

- 1-2-3-4-5 — Problema do Reflexo
Tinta Plástica s/Styropor — 100x100
6-7-8-9-10 — Problema do Reflexo
Tinta Plástica s/Styropor — 50 x 50



HERMELINDO FIAMINGHI



Ser moderno ou antigo, não é minha preocupação.
Ser nôvo também não.

Como pertencer ao meu tempo; — Sim.

É um drama que evolui, propõe-se, dramatiza-se.

A percepção das coisas, e as coisas com percepção,
envolvem-me: — desenvolvem-me.

Estar atualizado não é o principal, não é importante
quando comunicar-se é o sensível.

As artes gráficas ofereceram-se e influenciaram-me
quando pesquisava efeitos de retícula, côm-luz,
artezanalmente (6.a Bienal 1961)

O contrôle dos equipamentos e materiais gráficos
não só permitiram bem como conduziram-me ao
contrôle sensível dos acasos alí produzidos, — era o
fenômeno da percepção livre mutável e com uma
freqüência de comunicação intermitente.

A transparência das côres, a
fusão e disusão da retícula pela incidência de
luz, são para mim coisas com percepção ótica,
sensíveis, — comunicam-se.

A obra assim realizada evolui em si e pertence a si
mesma, sua comunicação visual, — é ótica assim co-
mo o é as mutações intermitentes da luz do sol que
incide sôbre os corpos da paizagem.

Comunicam-se naturalmente.

Hermelindo Fiaminghi nasceu em S. Paulo em 1920.
Estudou desenho, artes gráficas e arquitetura no Li-
ceu de Artes e Ofícios de S. Paulo (1936-40), pin-
tura e história da arte com Waldemar da Costa
(1942-52). Integrou-se ao grupo concreto de São
Paulo (1955), participou como membro do conselho
diretor do Prêmio Leirner de Arte Contemporânea
(Galeria das «Folhas», 1958-9). Foi membro da Co-
missão Organizadora do 7.º Salão Paulista de Arte
Moderna (1958), membro da Associação Internacio-
nal de Artes Plásticas e co-fundador da Associação
de Artes Visuais Novas Tendências (1963).

HERMELINDO FIAMINGHI

Exposições:

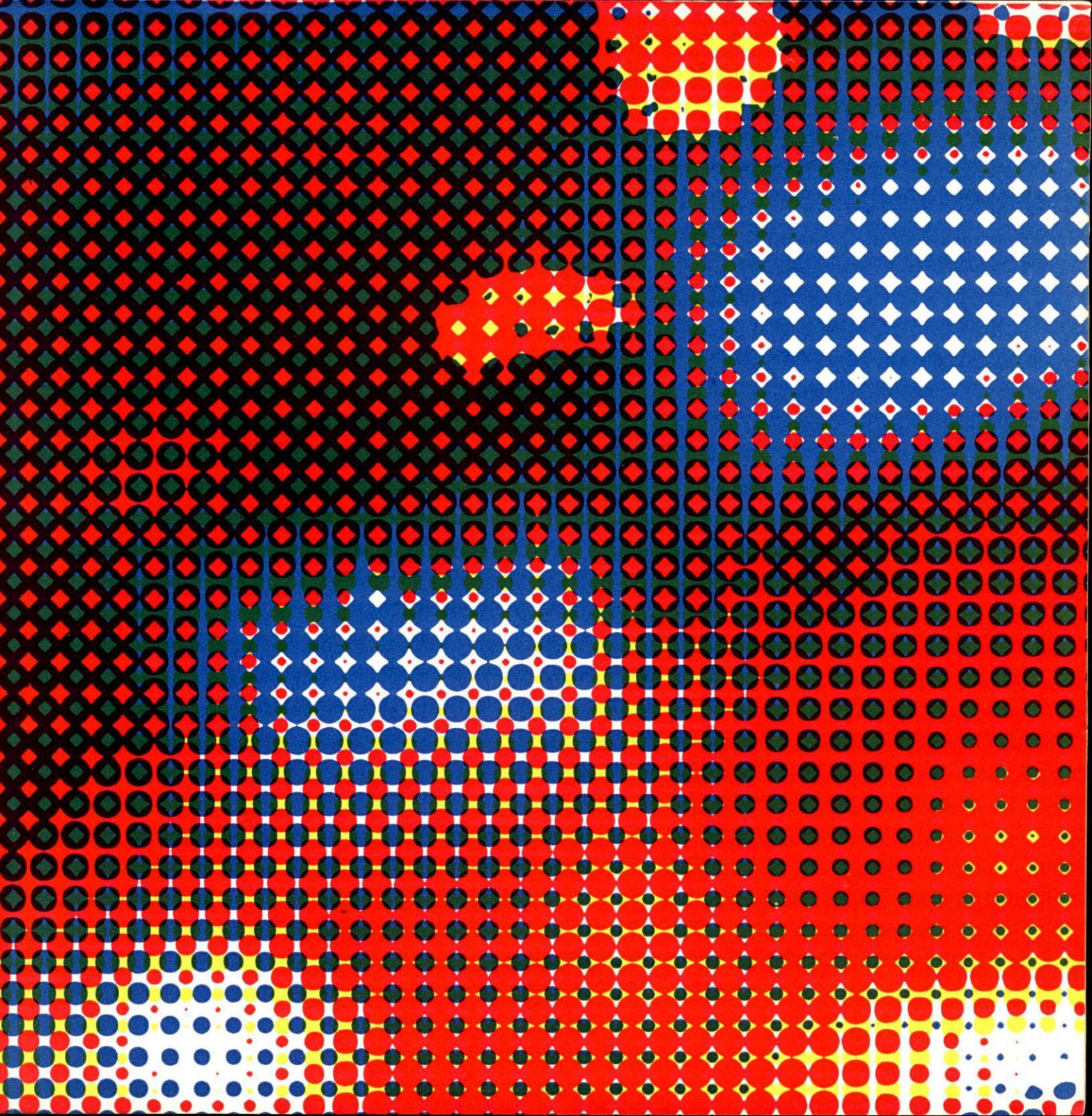
3.a, 4.a, 5.a e 6.a Bienais de S. Paulo; 4.o, 6.o, 7.o e 9.o Salões Paulistas de Arte Moderna; 1.a Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna de S. Paulo (1957), 2.a Exposição Nacional de Arte Concreta no Ministério da Educação (Rio de Janeiro), Exposição de arte moderna do Brasil em Buenos Aires, Rosário, Santiago e Lima (1958); Exposição de Arte Moderna do Brasil na Alemanha, Portugal, França, Itália, Bélgica, Holanda e Japão, Exposição «Koncrete kunst», no Helmhaus de Zurich, Exposição coletiva do Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, nas Fôlhas» (1961), Exposição individual na Galeria Aremar (Campinas), Exposição no Clube dos Artistas (1963), Exposição inaugural da Galeria «Novas Tendências» (1963).

Coletiva 3 da Galeria «Novas Tendências» (1963).
Exposição individual na galeria «Novas Tendências» 1965. Prêmio: Grande medalha de prata no 4.o Salão Paulista de Arte Moderna.

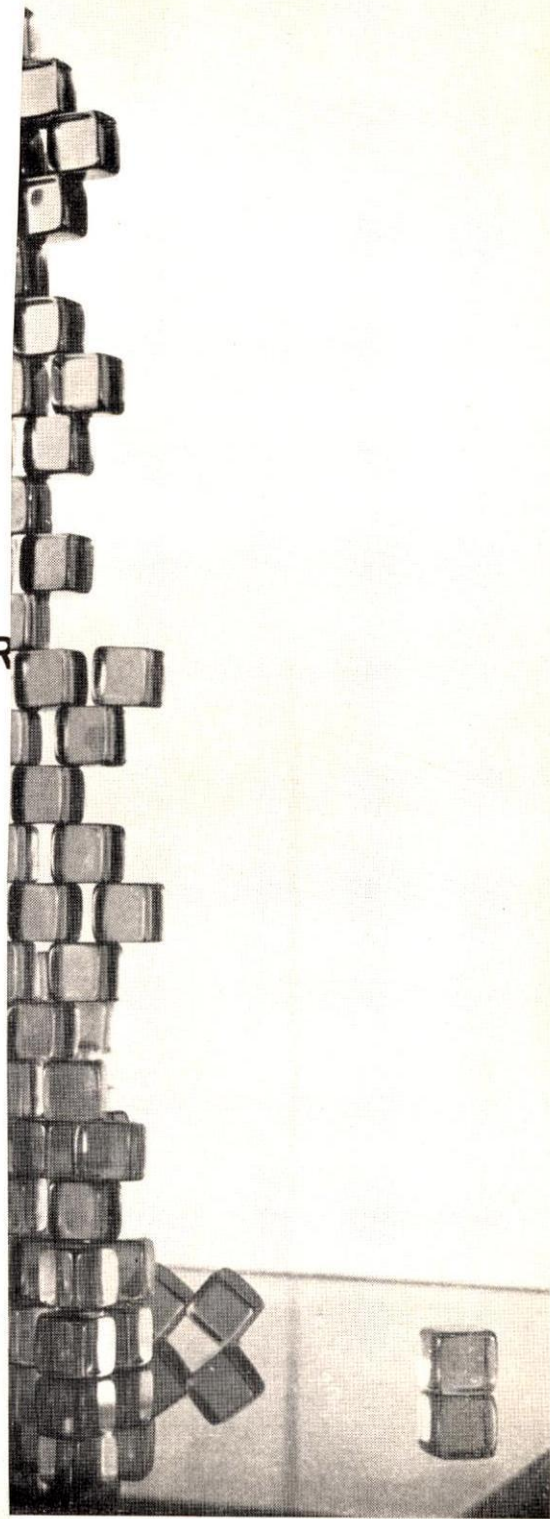
Obras em coleções particulares.

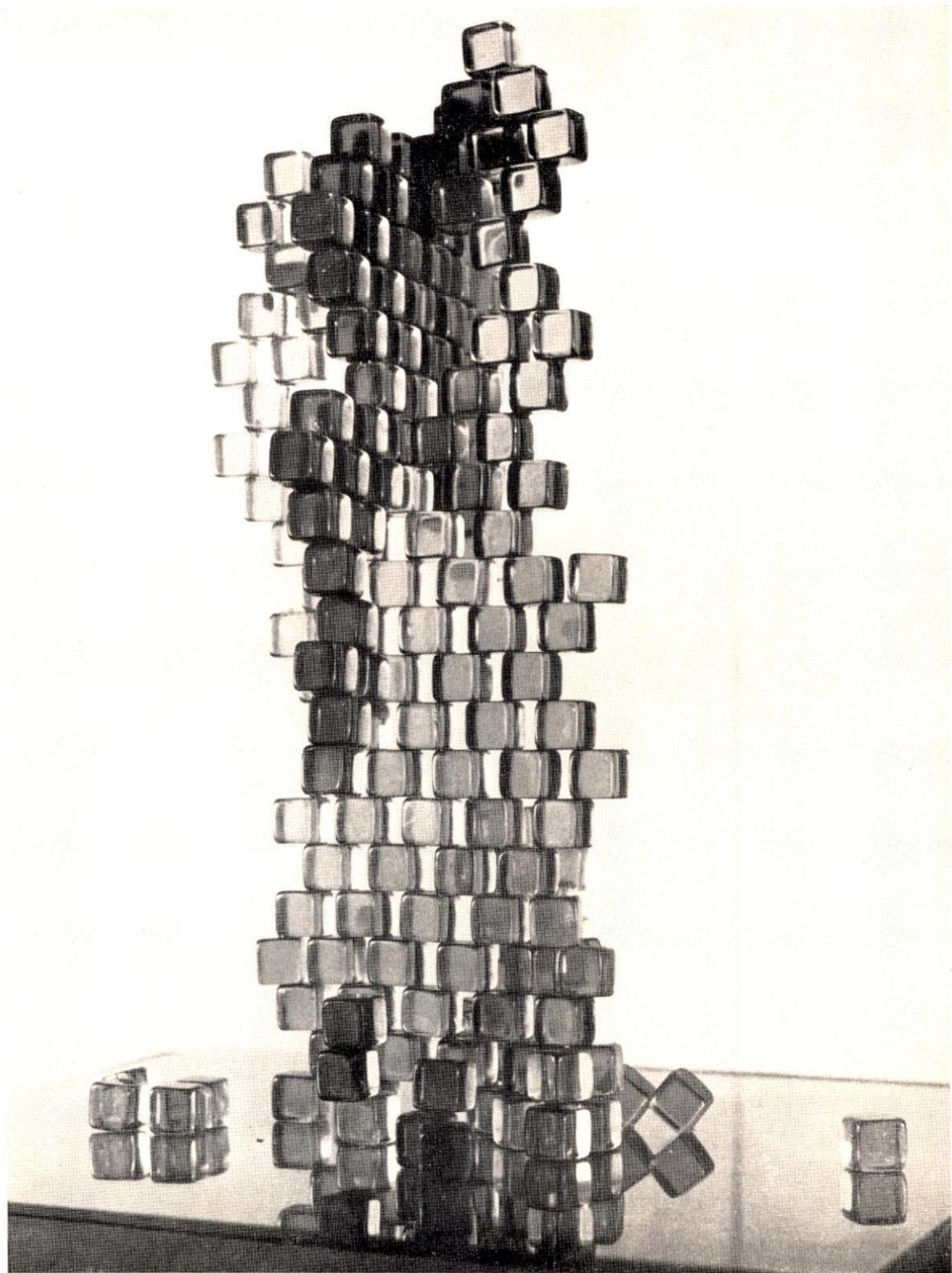
Relação das Obras

- 1 — Réticula côm-luz — 40 x 50
- 2 — Réticula côm-luz — 60 x 50
- 3 — Réticula côm-luz — 40 x 50
- 4 — Réticula côm-luz — Obra multiplicável 1/10
— 100 x 70
- 5 — Réticula côm-luz — Obra multiplicável 1/10
— 100 x 70
- 6 — Réticula côm-luz — Obra multiplicável 1/10
— 100 x 70
- 7 — Réticula côm-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70 x 70
- 8 — Réticula côm-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70 x 70
- 9 — Réticula côm-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70 x 70
- 10 — Réticula côm-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70 x 70



KAZMER FEJER





LOTHAR CHAROUX



Importante é, cada indivíduo, conseguir na medida do possível, contribuir com a sua parcela, nas múltiplas atividades que se apresentam ao homem durante a sua vida — e isto naturalmente também nas artes.

Pouco importa a nomenclatura que se der, porque isso afinal não passa de necessidade (ou mania) de catalogar, para classificar e organizar, mas que não aumenta nem diminui o valor pròpriamente dito da obra.

Daí, a tendência de muitos, nas artes plásticas, em apenas indicar o processo, ou seja «pintura», «escultura», «desenho» e assim por diante, o que, pensando bem, também é dispensável.

Os meios e materiais hoje são tão amplos e variados que os resultados obtidos são apresentados como «objetos», o que é suficiente, se já não fôr demasiado.

Por isso tudo, procuro conseguir, na medida das minhas possibilidades, contribuir com a minha parte, nas artes, não importa sob que nome.

Lothar Charoux nasceu em Viena em 1912. Fixou-se no Brasil em 1928, residindo em São Paulo. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios de S. Paulo onde lecionou durante alguns semestres. Conheceu Waldemar da Costa com quem estudou. Foi professor de desenho da escola do SENAI.

Exposições:

Participou de todos os salões do Sindicato dos Artistas Plásticos de S. Paulo, Salão de Belas Artes do Rio (Seção moderna), (em várias oportunidades a partir de 1942). Participou de tôdas as Bienais de S. Paulo (1951-65), e de todos os Salões Paulistas de Arte Moderna (1952-65). Exposição de arte brasileira em Valparaíso e Santiago (1946), Exposição «19 Pintores» em S. Paulo (1947), Exposição coletiva na Galeria Domus em S. Paulo, em benefício do jornal «Artes» (1948), Exposição «Seis novíssimos de S. Paulo» no I.A.B. (Departamento do Rio de Janeiro) (1948), 1.º 2.º e 3.º salões Bahianos de Belas Artes

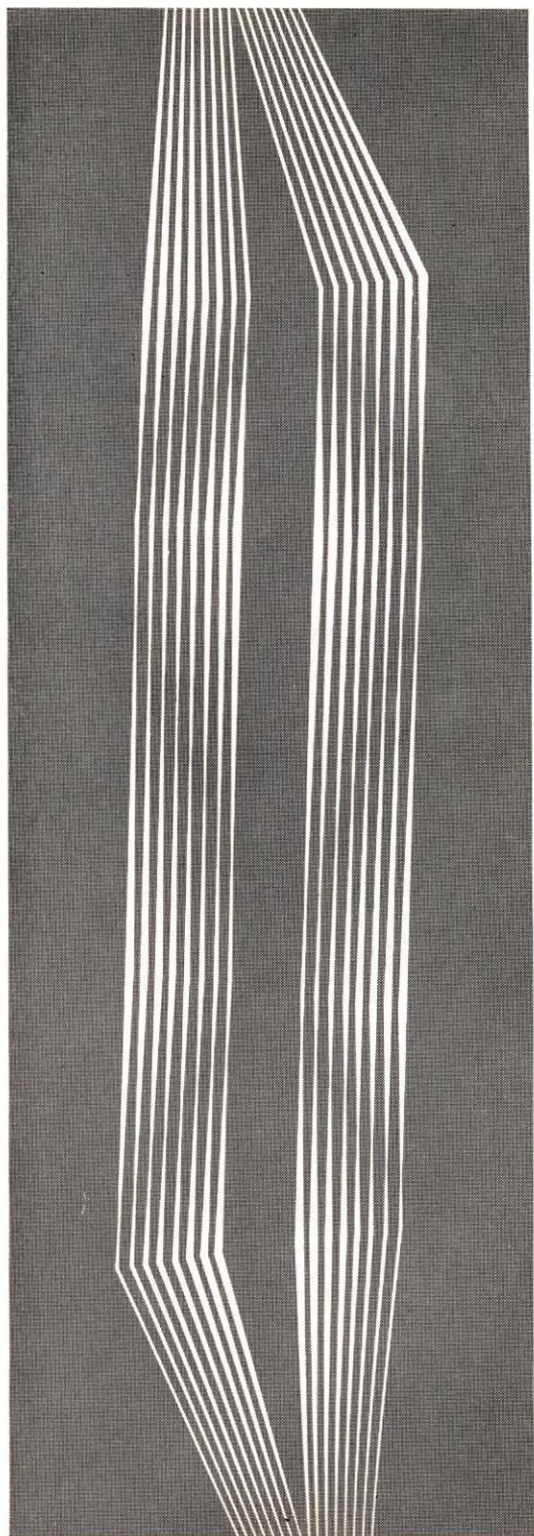
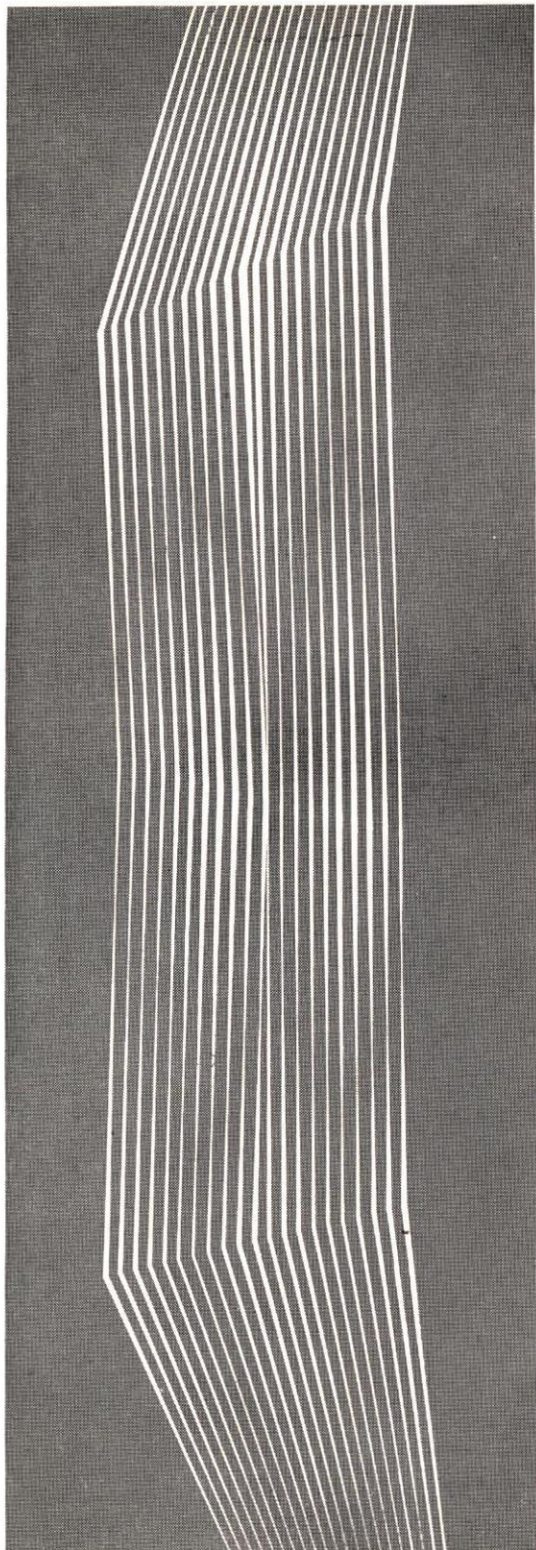
em Salvador (1949-51), Exposição Individual no «Anjo Azul», de Salvador (1950), Exposição do grupo «Ruptura», em S. Paulo (1955), 1.^a Exposição Nacional de Arte Concreta, S. Paulo (1956), 2.^a Exposição Nacional de Arte Concreta no Ministério da Educação (Rio de Janeiro) (1957) Exposição Individual — Petite Galerie no Rio de Janeiro (1957) Exposição Coletiva Brasileira no Urugai, Argentina Chile e Perú organizada pelo MAM do Rio e Itamaraty (1957) Exposição Individual de desenhos em Lisboa — Portugal (1957) Fourth Internacional Art Exhibition — Tokio; (1957) Exposição Individual na Galeria das «Folhas» de São Paulo (junto a Lygia Clark e Franz Weissmann) (1958) Exposição Individual no Ginástico Português no Rio de Janeiro (1958) Exposição de Arte Contemporânea no MAM de São Paulo (1958) Exposição coletiva na Galeria das «Folhas» em São Paulo (1959) e Exposição coletiva brasileira em Assunção — Paraguai, organizada pelo MAM de São Paulo (1959) Exposição coletiva brasileira na Alemanha, França, Holanda, Austria, Espanha, Portugal organizada pelo MAM do Rio e o Itamaraty (1962) Exposição individual na Galeria AREMAR de Campinas (1962) Exposição itinerante organizada pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo em Campinas, Marília, Araraquara e Ribeirão Preto; (1963) Exposição coletiva na NT — Associação de Artes Visuais Novas Tendências, da qual é um dos fundadores (1963) Leilão de obras em benefício da Campanha da Criança Defeituosa e Leilão de obras em benefício do Hospital Alberto Einstein (1964) 1.^o Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1965).

Premios: 1.^o Prêmio e Medalha de Ouro, do 1.^o Salão Bahiano de Belas Artes (1949), 1.^o Prêmio de Desenho no MAM de S. Paulo (1958) Grande Medalha de Prata do Salão Paulista de Arte Moderna (1964), 1.^o Prêmio de Desenho no 1.^o Salão de Arte Contemporânea de Campinas. — Obras em coleções particulares.

LOTHAR CHAROUX

Relação das Obras

- 1 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100 x 35
- 2 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100 x 35
- 3 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100 x 35
- 4 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100 x 35
- 5 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100 x 35
- 6 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100 x 35
- 7 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 35 x 100
- 8 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 35 x 100
- 9 — Desenho, 1966 — Guache e Caseina s/papel — 100 x 35



SYLVIA MARA GUELLER



Arte é essencialmente comunicar. Comunicar sensação estética. No meu caso, comunicação visual desligada de alusões literárias. Encaro, portanto os meus desenhos e «assemblages» como formas sempre em evolução que exprimem uma verdade absoluta: impacto visual.

O motivo de minha fase atual, fundamentalmente ótica, sempre me acompanhou desde os primeiros trabalhos de classe, quando minha criação era dirigida a exercícios mecânicos de cópias. Minha preocupação jamais residiu na figura, porém na distribuição dos elementos do suporte e mais ainda, no preenchimento dos vazios engendrados pelas figuras. De início êsses elementos — sempre geométricos — se relacionavam aos motivos figurativos: assoalhos, paredes, telhados, calçamentos de ruas, etc., que se repetiam rodeando elementos composicionais: móveis, pessoas, objetos. Pouco a pouco as próprias figuras foram sendo engolidas pelo ambiente, assim, madeiras, alvenarias, papéis de parede penetraram na figura, formando um todo indivisível.

Daí para o abstracionismo puro foi apenas um passo. As formas óticas espiraladas, concêntricas, paralelas e transversais se manifestaram livres das formas acanhadas da figura. Primeiramente à mão livre, agora com instrumentos de precisão. Economia de cores e materiais têm sido para mim uma norma. Tento extrair o máximo de efeitos com o mínimo de elementos. Minha fase atual é de depuração.

O futuro surge como um vasto campo de experiências. Novos materiais, novos efeitos e principalmente, estudos e reflexão.

Minha obra é aberta. Há sempre mais de uma escôlha para o espectador que assim se incorpora ao trabalho criador.

Sylvia Mara Gueller nasceu em S. Paulo em 1942. Iniciou seus estudos de desenho e pintura com Luigi Zanotto na Fundação «Armando Alvares Penteadó».

SYLVIA MARA GUELLER

Exposições:

1.º Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1965), 2.ª Exposição do Jovem Desenho Nacional do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo (1965); 8.º Salão de Belas Artes de S. Bernardo do Campo (1965), 20.º Salão Municipal de Belo Horizonte (1965).

Prêmios

Menção Honrosa no 1.º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Prêmio-aquisição para desenho no 20.º Salão Municipal de Belo Horizonte.

Possui obras em coleções de S. Paulo, Guanabara e Minas Gerais.

Relação das Obras

Desenho n.º 1, Fev. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão — 52 x 52,2

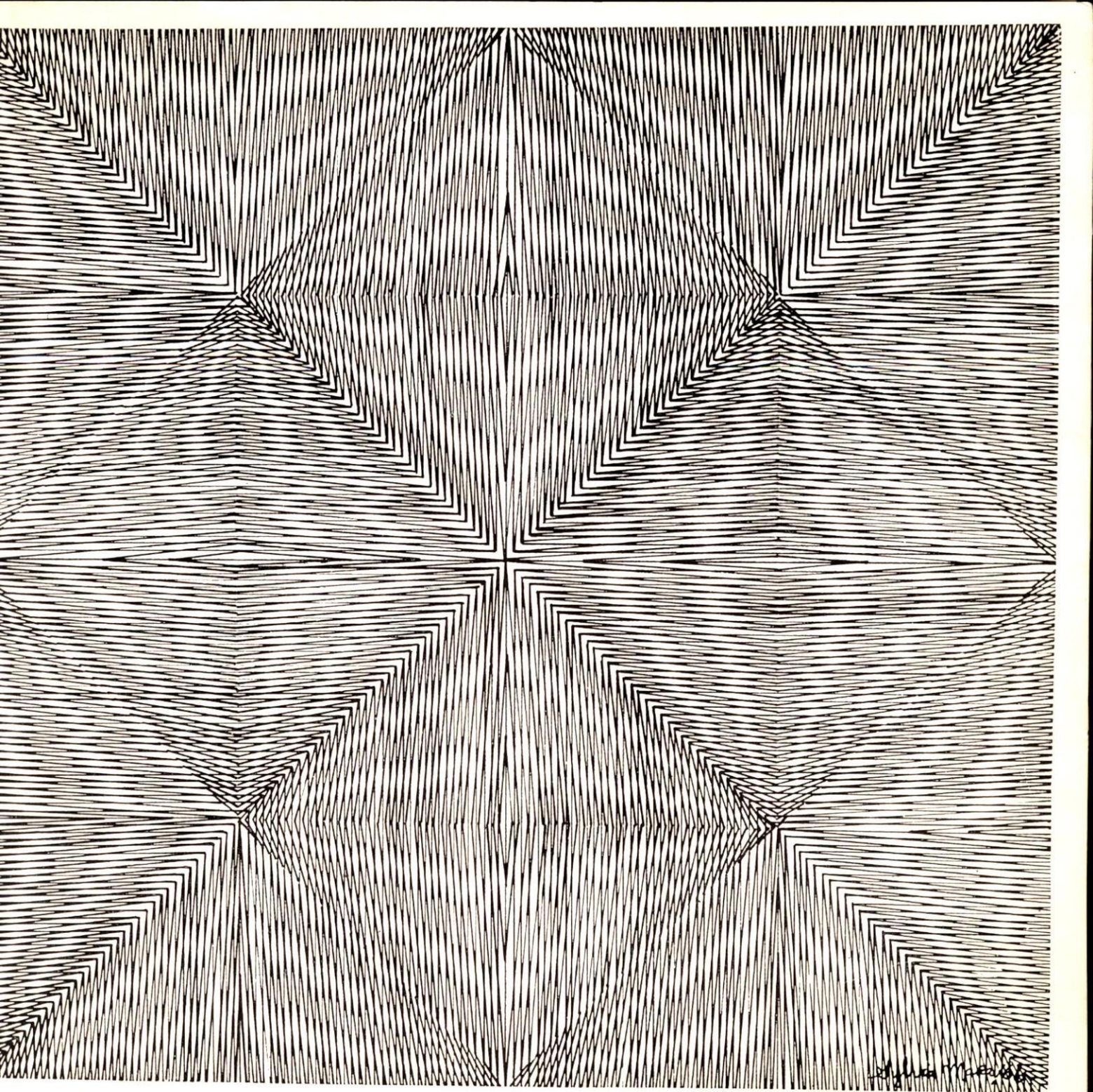
Desenho n.º 3, Fev. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão — 52 x 52,2

Desenho n.º 4, Mar. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão — 51,9 x 51,7

Desenho n.º 6, Mar. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão — 52,2 x 52

Desenho n.º 8, Mar. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão — 50,1 x 50

Desenho n.º 9, Mar. 1966 — Nanquim e Guache
s/cartão — 51,8 x 52,2



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
da Universidade de S. Paulo

Direção: Prof. Dr. Walter Zanini

Reitor da Universidade de S. Paulo
Prof. Dr. Luiz Antônio da Gama e Silva

Conselho Consultivo:

Prof. Dr. Pedro de Alcântara
Prof. Dr. Cândido Lima da Silva Dias
Prof. Dr. Sérgio Buarque de Holanda
Dr. h. c. Francisco Matarazzo Sobrinho

Layout, produção gráfica: H. Fiaminghi
Fotografias das obras: Luiz Hossaka
Fotografias dos artistas: Moriya
Clichês: Lastrí S/A.
Impressão: Impress-Color